



## **Olhares sobre a divulgação científica de saúde: Uma análise do jornalismo realizado pela Superinteressante e Galileu de 2009 a 2010<sup>1</sup>**

Beatriz Soares Bidarra<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná

### **Resumo**

O jornalismo científico tem por função a divulgação da ciência a diversos públicos de leitores. Desta maneira, esse segmento do jornalismo ocupa um espaço de extrema relevância no cenário profissional em questão, o que aumenta sua responsabilidade quanto à formação social e educacional de seu público consumidor a respeito de temas que interfiram diretamente na vida do cidadão comum, tal como a saúde. Neste âmbito, este artigo pretende abordar a forma como as Revistas Superinteressante e Galileu desenvolveram a divulgação científica, jornalística, sobre o tema saúde em suas publicações nos períodos de 2009 e 2010.

### **Palavras-chave**

Jornalismo científico; Saúde coletiva; Superinteressante; Galileu.

### **1. Introdução**

Por jornalismo científico entende-se uma área específica da profissão relacionada a campos da ciência, a fim de divulgar informações sobre determinados assuntos à população leiga e também cientista, visando, sem dúvida, o interesse público.

Marques de Melo identifica o nascimento desse campo do jornalismo com o próprio surgimento da imprensa no Brasil, em 1808, com publicações periódicas de ciência e tecnologia, por Hipólito da Costa. No entanto, José Reis só identifica esse início no século XIX, quando cientistas escreviam para colunas de jornais e revistas.

Apesar da importância dessas publicações para a sociedade, segundo Marques de Melo, a consciência dessa relevância só veio mesmo na década de 1960, quando o mundo passa por transformações científicas e sociais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 4º ano, curso de Comunicação Social- habilitação em Jornalismo, UEPG, e-mail: beatrizbidarra@hotmail.com



Foi somente na década de 60 que se criou no país uma consciência pública em torno da divulgação da ciência. Ele foi determinado, em grande parte, por acontecimentos científicos de grande repercussão como a corrida espacial EUA-URSS e os transplantes de coração realizados simultaneamente na África do Sul (Dr. Christian Barnard) e no Brasil (Dr. Euryclides de Jesus Zerbini). (Melo. 2003.P.3)

Para falar abordar corretamente esse tipo de jornalismo é preciso fazer a distinção de três conceitos básicos da área, que se confundem facilmente, quanto á difusão do conhecimento científico.

O primeiro deles é o próprio jornalismo científico, como explicado anteriormente. O segundo é a disseminação científica, que consiste na circulação de informações científicas a um público seletivo, geralmente cientistas. Já o último é a divulgação científica, que tem suas peculiaridades.

Quanto essa última, ela não necessariamente é jornalística, ela pode ser a publicação de descobertas científicas, voltadas a um público mais acadêmico, mas nem sempre esse texto é jornalístico.

A divulgação científica, segundo Wilson da Costa Bueno, é composta por níveis de recodificação da mensagem, são eles: Disseminação intrapares e extrapares. A primeira trata da divulgação de informações científicas e também tecnológicas em um meio de pessoas não leigas no assunto. Sejam elas, da área ou de campos relacionados do conhecimento.

Já a disseminação extrapares é a informação corrente no meio de especialistas que não estão inseridos na área do assunto trabalhado. No entanto, pode ser consumida por diferentes especialistas de setores distintos, basta que o modo de atrair o leitor e, principalmente, a linguagem sejam eficazes.

Quando se fala em jornalismo científico toma-se como base importante do processo a linguagem, dada a tarefa desempenhada pelo profissional em ser mediador entre o público leigo e o discurso científico.

Portanto, para se fazer um jornalismo nesse nível, essa mediação deve se basar em uma linguagem acessível e ao mesmo tempo desafiadora, é através dela que se democratizam os meios de informação e diminuição da desigualdade do conhecimento na humanidade, o que tem sido uma luta diária de uma parcela de jornalistas.



A redação científica tende a ser redigida para fora, para audiências além da estreita especialidade científica onde a informação se origina. O escritor de ciência torna-se parte de um sistema de educação e comunicação tão complexo como a ciência moderna e a sociedade mais ampla. Em seus alcances mais extremos, a redação científica ajuda a transpor a brecha entre cientistas e não-cientistas. (Burkett.1990.p.6)

A distância que ainda existe, neste caso, entre jornalistas e pesquisadores (ao se considerar apenas o contexto brasileiro) ainda é muito grande. O jornalista, geralmente, não tem contato intenso com as universidades, onde estão os pensadores e produtores de ciência. Essa falta de traquejo com o mundo científico dá ao jornalista certa ingenuidade. Ao trabalhar com o jornalismo científico o profissional da comunicação desenvolve, antes, jornalismo do que ciência. Portanto, sua tarefa é muito mais de investigação e apuração do que reproduzir exatamente o que a fonte diz.

Para CUNHA (2007; p. 46)

Levantar suspeitas sobre as informações recebidas e desvendar interesses e compromissos ocultos às fontes deve ser uma competência do jornalista, sobretudo do jornalista científico. É sempre bom desconfiar dos interesses inconfessáveis de cientistas por trás dos relatos científicos. O Jornalismo Científico deve ter compromisso com a qualidade da informação e não pode ficar à mercê da sociedade de consumo.

Neste âmbito, se analisada a área da saúde, por exemplo, é evidente que haverá questões problemáticas em relação à forma como as informações são divulgadas. De acordo com Wilson Bueno, Jornalista científico que escreve, também, sobre saúde, o espaço dado à divulgação de ciência e tecnologia ainda é muito insuficiente e sofre influências de campos como as indústrias farmacêuticas, laboratórios e outras áreas afins.

Apesar dos problemas, é preciso pensar que saúde, assim como outra série de assuntos, é de extrema relevância ao interesse público. E mais do que interessar ao público é obrigação do jornalismo a responsabilidade para com a informação, e principalmente, quando ela mexe com o que é mais humano no homem, a vida. Portanto, deixar de noticiar temas como esse é assumir a omissão perante ao dever jornalístico de informar, deixando de prover ao cidadão comum o saber que pode ser útil nas tarefas mais simples do cotidiano.



Para entender a saúde na comunicação é necessário utilizar todos os meios disponíveis da mídia e levá-los para onde se encontra a população que se pretende educar, seja ela rural, seja urbana. (Hansen.2004.P.48).

Alguns cientistas afirmam que um requisito essencial para uma boa saúde é ser bem informado, ter notícias mais neutras, que tratem das questões médicas como interesse público, e não especificamente para campos setorializados dentro da própria medicina. O desafio é abri-la a um público leigo. Mas, como fazê-lo? A resposta é simples e está no fato de que o discurso jornalístico tem uma deontologia própria e distinta do discurso científico. Dessa forma, a redação da ciência prevê algumas adaptações à técnica do jornalismo.

O Jornalismo científico requer, portanto, o conhecimento para além dos assuntos discutidos, é preciso mais ainda a familiaridade com a linguagem. Fabíola de Oliveira, no livro Jornalismo científico, explicita a importância de alguns requisitos para o desenvolvimento e legitimação desse campo do conhecimento.

O uso e abuso da metalinguagem são excelentes para aproximar o público leigo das informações científicas. Quando as pessoas conseguem aproximar o princípio ou uma teoria científica a alguma coisa que lhes é familiar, fica muito mais fácil a compreensão do assunto, e a comunicação científica torna-se eficaz. (Oliveira.2002.P.44)

A autora explicita a importância da inserção da cultura pelo jornalismo. A regionalização das questões traz ao público a proximidade necessária ao seu entendimento. Por esse motivo, a linguagem, fator que interliga os homens em determinada comunidade e\ ou espaço, se faz essencial no processo do jornalismo.

## **2 - Breve histórico Superinteressante e Galileu**

As revistas Superinteressante (Editora Abril) nasce na década de 80, assim como a maioria das revistas de jornalismo científico no Brasil. Já a Galileu (editora Globo), antiga globo ciência, é criada em 1990 e só em 1998 ela é recebe o nome que atualmente leva.

É quando começa a se olhar para esse segmento com maior cuidado, considerando sua importância. Nesse momento, surgem outros produtos jornalísticos importantes como a Ciência Hoje e o programa televisivo Globo Ciência.



Ambas são Revistas que se propõem a fazer divulgação da ciência, a partir do jornalismo científico, ao público jovem. Os temas agendados pela Superinteressante geralmente tem relação com saúde, comportamento, tecnologia e curiosidades. Já, a Galileu mais voltada às questões de inovação tecnológica.

O veículo Revista foi escolhido porque o jornalismo científico parte, na maioria das vezes, do texto interpretativo, quando há um aprofundamento quanto às origens dos fatos, consequências, suas relações e influências em outras áreas do conhecimento, a pluralidade de fontes. Tudo isso faz com que, a princípio, as abordagens não sejam tão rasas.

A escolha das revistas se deu pelo fato de serem periódicos de jornalismo científico voltado a um público mais geral e leigo e escrito por jornalistas. Diferente da Ciência Hoje, por exemplo, direcionada a um leitor acadêmico ou inserido no contexto de pesquisas científicas e algumas vezes com textos escritos por estudiosos de outras áreas.

### **3. Metodologia**

A pesquisa em questão compreende o método quantitativo da análise de conteúdo das revistas superinteressante e Galileu de Junho de 2009 a junho de 2010, contemplando a investigação, apenas, da temática saúde.

A escolha do método da análise de conteúdo se deu devido à necessidade de realizar inferências objetivas e sistemáticas a respeito do material, a partir de dados quantitativos retirados das matérias. Dentre as categorias de análise alguns pontos analisados foram quanto ao tipo de texto dentro do gênero informativo, podendo ser: notícia, nota, reportagem e entrevista.

Outro aspecto jornalístico observado foi quanto às fontes. Nesta categoria compreende-se: médicos ou psicólogos, pessoas ligadas à universidade, cientistas, Instituto/organizações/associações, cidadão comum e pessoa ligada a alguma religião.

A categoria que também esteve presente e no jornalismo atual é de fundamental importância é a de elementos gráficos, informativos, tal como: Charge, fotos, gráficos, infográficos, outras ilustrações. Esse aspecto foi levado em consideração dada à importância de complementação entre elementos gráficos e texto ao entendimento do leitor.



A última categoria e já pertencente ao campo mais específico do jornalismo científico é compreende-se em quantos termos utilizados no texto pelo jornalista ou citado pelas fontes foram traduzidos em linguagem mais simples e acessível e quantos não foram traduzidos. Essa questão refere-se á tradução intra- pares e extra-pares, citada anteriormente, e respaldada em Wilson da Costa Bueno (1984).

Quanto á teoria do jornalismo utilizada no trabalho foi a Hipótese do Agenda-setting, embasada em Nelson Traquina (2005), a fim de observar quais os temas mais agendados pelas revistas dentro do período de análise. E, também, se houve influência da agenda de outros meios de comunicação nessas publicações.

#### **4 - Análise prática**

A respeito da investigação, nos meses de junho de 2009 (início da pesquisa) a Revista Superinteressante apresentou duas matérias sobre o tema saúde, sendo uma delas notícia e a outra reportagem - “Hipnoses”. A notícia intitulada “ O dilema do Vírus” apresentou uma fonte, três termos traduzidos, um gráfico informativo e outra ilustração.

Já a reportagem – “Hipnoses” apresentou seis fontes, sendo três delas ligadas á universidade, uma fonte de instituto ou organização e dois médicos. O texto contou com três infográficos, três termos traduzidos e nenhum sem tradução. Nessa matéria é importante ressaltar o foco dado à saúde da criança e do adolescente, destacando a hipnose como maneira para que o jovem possa recordar do abuso sofrido sem estar necessariamente ter consciência absoluta da lembrança, o que culminaria numa forma de tratamento.

A edição da Revista Galileu do mesmo mês também apresentou duas matérias sobre o tema, sendo ambas notícias. A primeira - “A campanha contra o cigarro exagera?” apresentou três fontes ligadas à universidade, um médico, duas fontes ligadas à Institutos ou organizações. Quanto à linguagem trouxe apenas um termo não traduzido e quatro ilustrações de caráter não informativo. Já o outro texto- “Fobia na aldeia” trouxe apenas uma fonte, quatro termos não traduzidos e um sem tradução. Quanto ao elemento gráfico, apenas um desenho também não informativo.

Um fato curioso foi a publicação da reportagem: Verdades Inconvenientes sobre a indústria de remédios, pela revista Superinteressante, em Agosto de 2009. Raramente se vê veículos da mídia tradicional indo na contra-mão do lobbying das empresas



farmacêuticas ou médicas, assunto já tratado por Wilson Bueno como uma das principais crises do jornalismo científico contemporâneo.

Apesar de estar em caráter de andamento, a investigação aponta alguns temas, inseridos na área da saúde, de maior agendamento pelas revistas. A Galileu, até o momento de análise, publicou três matérias relacionadas transtornos de fundo emocional. Duas sobre a depressão, uma reportagem e outra entrevista com especialista e a outra, uma notícia, sobre Fobia (diversos tipos de medo).

Já a Revista Superinteressante publicou várias matérias relacionadas á infecções por vírus e bactérias. Uma notícia de Junho de 2009, a respeito do vírus do H1N1 e em Outubro de 2009, uma reportagem sobre o mesmo tema, titulada: A nova vacina – gripe suína.

Ainda sobre vírus e bactérias, foi publicada uma reportagem de Agosto de 2009: Os donos do mundo- vírus e bactérias; em setembro, a notícia: Descoberta a fonte da juventude-uma bactéria. E, sobre doenças de fundo emocional, que teve uma grande cobertura pela Galileu, a Revista Superinteressante publicou apenas uma: O fim da infância, a qual tem como foco a ansiedade infantil.

## **5- Considerações Finais**

A partir da análise prática feita até o momento, percebe-se que a principal agenda foi de temas comuns do cotidiano, em uma linguagem simples, metafórica, quando até mesmo gírias são utilizadas para facilitar a compreensão tanto do texto, quanto da doença, da prevenção ou de descobertas que se noticia.

O tratamento de temas relacionado ao público jovem, como as matérias, da revista Galileu: “A campanha contra o cigarro exagera?”, “O novo e tratável HIV, “O lado bom da depressão”, Quimioterapia preventiva” e “Uma cura para todos- remédio para acabar com memória traumática”. Todas essas publicações mostram uma preocupação com alguns temas relacionados à saúde desse público que não são abordados de forma extensa na mídia diária.

É evidente que não é grande parte da população que tem acesso a esse conteúdo e , portanto, não faz sentido falar que as publicações de duas revistas segmentadas sejam suficientes para democratizar certo tipo de informação no país. Parece uma discrepância



falar no desenvolvimento do jornalismo científico em revista como maneira de aprimorar o conhecimento de uma população. Contudo, a incoerência é muito maior.

Falar de jornalismo científico em jornais diários, quando o texto, na maioria das vezes, é Hard News, em grande parte dos casos notícias, com uma rasa discussão sobre os assuntos, parece ilógico, visto que para uma abordagem nesse tipo de jornalismo é preciso um texto interpretativo, em grande parte encontrado em revistas. Agora, discutir a importância do jornalismo científico nesse meio também pode soar certa irracional, dado público restrito que tem acesso, devido ao alto preço do produto.

Portanto, seja ele em revista, jornal diário, na web ou até mesmo em gibis, não é possível negar a importância do jornalismo científico como forma de conhecimento. É evidente que, tal como citado anteriormente, ele parte do texto interpretativo, que pode ser encontrado em revistas, na web ou qualquer outro meio que tenha interesse nessa produção. Porém, o problema de acesso aos produtos informativos no Brasil ainda é um grande problema, nem mesmo o jornal diário consegue ser lido por um grande público. Não só pela falta de hábito de leitura, mas também, pela carência financeira em que se encontra grande parte da população.

Contudo, apesar da questão do acesso ainda precisar de intensa discussão, a informação não deixa de ser uma grande ferramenta ao cidadão de um país como o Brasil, onde as políticas públicas ou são ineficazes ou simplesmente não existem. A situação da saúde é confirma ainda mais essa realidade desigual, não só de acesso aos bens e serviços públicos, mas também à informação.

Nesse contexto, a principal referência do jornalismo em ciência não é uma divulgação midiática. Mas, principalmente qualitativa e responsável, de forma a atingir o público, contribuindo ao desenvolvimento pessoal e à melhoria na qualidade de vida.

Para BUENO, (1985,P.34)

Em muitos casos o jornalismo científico se constituiu na única fonte popular de informações sobre ciência e tecnologia. Num país como o nosso, caracterizado pelo ensino precário e desatualizado de ciências, o jornalismo científico passa a ser a única forma pela qual os cidadãos tomam o contato com a atividade e os produtos tecnológicos e cientistas. Daí a responsabilidade do profissional que exerce a função de informar, formar e conscientizar o público sobre as questões e repercussões da ciência e da tecnologia.





Se considerada a relevância do Jornalismo científico, anteriormente abordada, é preciso pensar na especialização dos profissionais da comunicação assim como a constante atualização, com modo filosófico e crítico de desenvolver o pensamento.

Existe por exemplo, uma relação direta entre o nível educacional e o status de saúde de uma população. Por exemplo, a incidência de complicações na gravidez, no parto e pós-parto é três vezes maior nas mulheres com até curso primário do que nas mulheres com curso universitário. (Hansen. 2004)

Nesse aspecto, a jornalista Alessandra Silvério, em seu artigo: Saúde e informação – direitos do povo - o grande embate do jornalismo científico atual é que ele trata das doenças quando elas estão ocorrendo ou quando elas acabam, não cumprindo, assim, a prevenção e alerta que deveriam ser inerentes a essa área da comunicação.

Com relação às dificuldades ligadas a cobertura desse setor, Wilson da Costa Bueno acredita, porém, que os comunicadores na área de saúde vão sempre enfrentar a oposição das empresas que pagam para terem diversas informações mascaradas .

Em vista disso, a proposta para o Jornalismo científico atual de acordo com os próprios jornalistas, é desenvolvimento de um campo mais investigativo, tanto na apuração, quanto na própria escolha das pautas.

No meio jornalístico, o que permeia o Jornalismo científico é a dúvida da validade de se divulgar ciência e tecnologia da forma como ela tem sido feita, a face ruim desse campo do jornalismo é acabar sendo feito de forma equivocada, a não permitir com que as pessoas desenvolvam senso crítico a partir das mensagens que recebem da mídia, independente do veículo comunicacional.

Para Fabíola Oliveira (2002):

A mais perversa consequência da falta de educação e informação, é a incapacidade de poder opinar ou decidir sobre coisas que podem afetar a vida individual, comunitária e até de toda uma nação. Por exemplo, quando o governo decide construir ou comprar um satélite artificial, está tratando de um investimento de milhões de dólares, que sairão dos bolsos dos contribuintes. E quantos se dão conta disso? Bem poucos.

Nesse aspecto, Wilson Bueno, ressalta que a cobertura que a mídia exerce no campo da saúde ou em qualquer outro não substitui a carência da educação formal no país, mas pelo menos cumpre a função que os meios de comunicação têm na sociedade.



O Jornalista comenta, ainda, que os mídia podem tanto exaltar uma classe profissionais como derrubá-la, assim acontece com a classe médica. A divulgação nesse quesito serve tanto para alertar a população como também para informá-la de erros e imperícia no assunto.

Essa discussão faz parte da linha tênue entre ciência e marketing, analisada por Bueno, na qual o Jornalismo científico também está inserido. Seja em qualquer meio de comunicação, a responsabilidade do jornalista é a mesma, a relação receptor e emissor, estabelecida na mensagem entre jornalista e público, tem de ser levada a sério, como além de obrigação, responsabilidade profissional, ética e moral.

Aliás, a independência do jornalismo é outra questão relevante, é óbvio que o jornalismo dentro do sistema capitalista segue as regras e, mesmo que em parte, seus ideais. Qualquer que seja o meio de comunicação, ele precisa de sobrevivência material, por mais conhecido e relevante que ele seja para a população de um país.

A internet, trouxe para a realidade dos meios impressos desafios muito grandes, competir intelectualmente e também de forma econômica com ela é quase que desleal. Desta forma, é preciso que fazer com que a ciência se perdue na comunicação atual.

A realidade indica que não é só o bom jornalismo, preocupado com o interesse público e com todos os preceitos profissionais, que vende. Jornalismo de péssima qualidade informacional e de conteúdo também tem altos índices de venda e alienação da sociedade.

Esta é a meta da ciência traduzida e explicada através do Jornalismo científico ao público leigo. Não só informar pela simples tarefa profissional a que se deve o jornalismo, mas também pela preocupação social a respeito da sociedade a qual está inserido, não apenas como profissional mas como pessoa.



## 6- Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. TRD. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Portugal: Edições 70, Ltda, 1970.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. São Paulo, 1985. Tese de Doutorado. ECA/USP.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Trad. Antonio Trânsito. Ri de Janeiro Forense Universitária, 1990.

CALVO Hernando, Manuel. **Periodismo científico**. Madrid, Editorial Paraninfo, 1992

HANSEN, João H. **Como entender a saúde na comunicação**. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

KRIEGHBAUM, Hiller. **A ciência e os meios de comunicação de massa: um estudo sobre os informes científicos, tecnológicos e médicos feitos em jornais, revistas, rádio e na televisão dos Estados Unidos**. Trad. Maria C. Rodrigues. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1970.

LEIBRUDER, Ana Paula. **“O discurso de divulgação científica”**. In: BRANDÃO, Helena (Coord.). **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

MASSANI, Luisa (org.) **Os desafios e avaliação do jornalismo científico iberoamericano**. São Paulo: AECI e outros, 2006.

MELO, José M. **Quando a ciência é notícia**. Brasília: CNPq, 1986.

NASCIMENTO, Patrícia C. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete**. São Paulo: Annablume, 2002.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002.  
de informação” in TRAQUINA, Nelson. **O jornalismo português em análise de casos**. Lisboa: Caminho, 2001.

PORTO, Cristina Magalhães. **Cultura e difusão científica**. Bahia: Eduba. 2009.

SÁ, José. **Medicina e jornalismo: comunicação em exame**. São Paulo, 1995. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUSA, Cidival M (org.). **Jornalismo científico e educação para as ciências**. Taubaté: Editora Cabral Universitária, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, Vol. 1, 2ª Ed. 2005.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da  
Comunicação

XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Londrina – PR - 26 a  
28 de maio de 2011